

Museu do patriarchado

I

«Ouvimos, e como simplès boato o registamos, que o Sr. Cardeal Patriarcha manifestara o intento de fundar no paço episcopal um museu de arte religiosa, que viesse, para assim dizer, ampliar e completar o que há pouco se estabeleceu numa das dependencias da vestuta Sé, graças, principalmente, á illustrada iniciativa do Sr. Conego Botto.

Neste novo repositorio artistico, seriam recolhidas todas as alfaias e objectos que se acham disseminados pelas igrejas do patriarchado e que se tornaram menos indispensaveis para o luzimento do culto divino, podendo por este motivo extraviar-se, arruinar-se, ou, pelo menos, ficar em completo abandono e desprezo, sem utilidade para ninguem, em absoluto prejuizo dos que apreciam o bello e dos que procuram instruir-se no conhecimento do passado.

As festas do catholicismo tem perdido muito do seu antigo esplendor, e é raro ver hoje os templos mais grandiosos enfeitados com aquellas sumptuosas galas, que tanto maravilhavam os olhos dos fieis.

Se no recinto sagrado já não assistimos com frequencia a festas deslumbrantes, fóra d'elle com menos frequencia se observam aquelles cortejos faustuosos, aquellas procissões solemnes, que quasi deixavam a perder de vista o que tem inventado a mais fertil imaginação dos scenographos.

O catholicismo é a religião que mais tem inspirado a esthetica, a que mais profundamente impulsionou o desenvolvimento de todas as artes e industrias. O architecto consorcia harmonicamente a força e a delicadeza das linhas na ogiva das cathedraes gothicas, nas curvas arrojadas do zimbório de S. Pedro. O pintor representa com a vivacidade do colorido o que ha de pathetico e de mysterioso na vida humana, nos passos de Christo, nas dores da Virgem, no martyrio dos santos, nos gozos da bemaventurança. O esculptor traduz na pedra modelada as aspirações mais intimas, os sentimentos da mais pura dedicação. Todas as outras artes e industrias fazem honrosa companhia aos grandes mestres que se chamaram Rafael, Miguel Angelo e Donatello.

Os metallistas, desde os ourives, como Gil Vicente, até os modestos forjadores de ferro e os fundidores de sinos, os organeiros e constructores de instrumentos musicos, os habeis tecelões de sedas raras, os bordadores insignes, as pacientes rendeiras, os arrasistas e tapeceiros, os entalhadores, os peritissimos artifices do mosaico romano

e florentino, os admiráveis pintores de vidraças e tantos outros trabalhadores engenhosos, que seria longo enumerar, prestaram o seu concurso á Igreja, que d'elles se soube valer para melhor consolidar a sua obra, para mais facilmente fascinar e attrahir as multidões.

Avalia-se qual seja a superabundante riqueza do thesouro catholico e como ainda é estupendo o seu espolio artistico. Quem exerceu tão salutar, tão grandiosa e tão extraordinaria influencia no espirito humano, não póde assistir impassivel á oxidação constante da sua tradicional cadeia secular. Assim o tem comprehendido diversos bispos espanhoes, sobretudo na Catalunha, onde ultimamente se tem organizado alguns museus de arte religiosa, que fazem a maravilha dos visitantes, obrigando-os a reconhecer a divida enorme em que a civilização está para com o catholicismo.

Não é, porém, preciso citar exemplos alheios, quando os temos tão honrosos de casa. Já no sec. XVIII, o famoso Cenaculo, bispo de Beja e arcebispo de Evora, formava as suas preciosas collecções bibliographicas, artisticas e archeologicas. Recentemente, o Sr. Bispo-Conde reuniu na Sé Nova de Coimbra uma serie de objectos, que se recomendam pela sua variedade, riqueza e primor de fórma. Os procedentes dos extinctos mosteiros freiraticos de Lorvão e de Santa Clara são talvez os de maior valia.

O Sr. Cardeal Patriarcha tem já ao seu dispor um nucleo de primeira ordem, em redor do qual se irão agrupando e collocando com methodo outros de não somenos importancia. Referimo-nos á numerosa collecção de quadros, que enche de alto a baixo e de principio a fim um dos interminaveis corredores do vastissimo edificio, que outrora foi mosteiro dos conegos regantes de Santo Agostinho. Num desvão de janela, avultam quatro paineis do sec. xv, reinado de D. Afonso V, num dos quaes se destaca o vulto do infante D. Henrique, em conformidade perfeita com o seu retrato na illuminura da *Chronica da Guiné*.

Cremos que ainda se não determinou com exactidão o assunto d'estes quadros, que são indubitavelmente historico-religiosos e nos quaes se agrupam numerosas e expressivas cabeças, que reproduzem ao vivo as physionomias de personagens da epoca.

Não sabemos como e quando se formou esta galeria, mas é de crer que se organizou com os despojos conventuaes, depois de extinctas as ordens monasticas. Muitos d'esses quadros, debaixo do ponto artistico, só se recommendam pelas suas qualidades negativas, de uma factura e concepção extravagantes. Todavia não se devem desprezar ao mais ligeiro exame, antes se deve estudar com o maior cuidado o pa-

pel que elles podem representar sob qualquer aspecto, independente do artistico.

Quando porventura não se torne viavel o pensamento attribuido ao Sr. Cardeal Patriarcha, ao Conselho dos Monumentos e ao Sr. Director do Museu de Bellas Artes incumbe o imminente e indeclinavel encargo de analysar aquella collecção, valorizando-a competentemente, fazendo com que o publico conheça um deposito artistico, quasi vedado até hoje aos seus olhos e apenas conhecido de um ou outro curioso».

(*Diario de Noticias*, de 22 de Setembro de 1905).

II

«A proposito do artigo que com este titulo ha dias publicámos, recebemos do Sr. D. José Pessanha, illustre professor na Escola de Bellas Artes e distinctissimo vice-secretario da commissão executiva da Academia, a seguinte carta:

«Meu caro Dr. Alfredo da Cunha.—Com o vivo interesse que sempre em mim despertam os assuntos de arte, li o artigo que, sob o titulo «Museu do Patriarchado», ha dias appareceu no seu *Diario*.

O autor, que supponho ser o meu erudito collega e amigo Dr. Sousa Viterbo, regista e commenta a noticia, que tem corrido com insistencia, de que o Sr. Cardeal Patriarcha, seguindo o bello exemplo dado pelo Sr. Bispo-Conde de Coimbra, tenciona organizar em Lisboa um museu de arte religiosa; e, ao alludir ás preciosidades que se encontram no paço patriarchal e que naturalmente constituiriam o nucleo d'esse museu, refere-se aos quatro notabilissimos quadros do sec. xv que ali se vêem num corredor do ultimo pavimento, chamando para elles, e para os outros (aliás, muito menos valiosos) que revestem as paredes d'essa extensa galeria, a attenção do Conselho dos Monumentos, —cujas attribuições se confundem, em grande parte, com as da Academia,— e do Sr. Director do Museu Nacional.

Seja-me permittido observar que, desde que em Julho de 1895 essas preciosas tábuas, das quaes, segundo creio, ninguem fallara ainda, foram casualmente descobertas pelos Srs. Ramalho Ortigão, Joaquim de Vasconcellos e José Queiroz, numa visita artistica a S. Vicente, por mais de uma vez essa extraordinaria serie tem occupado a attenção dos que entre nós se dedicam a estudos de arte.

Descreveu-a e apreciou-a o Sr. Joaquim de Vasconcellos, no *Commercio do Porto*, logo em seguida ao feliz descobrimento; fallou d'ella, numa sessão da commissão executiva da Academia de Bellas Artes,

o Sr. Salgado; a ella se refere uma das propostas que apresentei, ha meses, a essa commissão (de que tenho a honra de fazer parte), e que espero serão discutidas brevemente.

Queria eu que esses quadros, — verdadeiras illustrações do reinado de D. Duarte, como os qualificou o Sr. Vasconcellos, — fossem entregues ao Museu Nacional, ou, pelo menos, que o Sr. Patriarcha os mandasse transferir para logar mais propicio á sua conservação, porque o não póde ser menos aquelle em que se encontram — um curto braço de corredor, terminado por uma ampla janela, quasi sempre aberta.

Organizado o Museu Patriarchal, ficariam, provavelmente, satisfeitos os meus desejos, porque é de crer que esses quadros, apesar do seu character profano, da sua natureza historico-allegorica, fossem nelle incorporados, e eu estou longe de ser partidario de uma centralização absoluta.

O Sr. J. de Vasconcellos conjectura que essas quatro valiosas tábuas constituam fragmento de uma serie e tenham pertencido a algum paço regio, — porventura o da Alcaçova, em Lisboa, — e suppõe que o seu autor seja um dos portuguezes que acompanharam a Flandres a Duquesa de Borgonha, filha de D. João I, e lá estudaram a arte.

O que é inquestionavel, é que esses quadros representam, não obstante a sua feição allegorica, a pintura historica, a illustração da historia e da vida nacional no periodo que se seguiu ao facto culminante, decisivo, da aclamação do Mestre de Avis, pintura que nos faltava, porque todos os outros quadros portuguezes já conhecidos e estudados, como, por exemplo, os de Viseu, representam assuntos religiosos, sob fórma tradicional.

Por outra parte, esses interessantissimos documentos, e mais alguns que posteriormente se tem encontrado, vem preencher a solução de continuidade que a historia da nossa pintura offerecia, entre a saida de Jean Van Eyck de Portugal (1429) e o apparecimento dos primeiros quadros da epoca manoelina (1500-1520).

Por outro lado ainda, tornam essas quatro admiraveis tábuas dignas da maxima sollicitude, por parte de quantos, por dever da sua posição ou por simples pendor do seu espirito, se interessam pelas cousas de arte, as suas notabilissimas qualidades technicas. Nos quatro quadros, vêem-se não menos de sessenta figuras, quasi do tamanho natural, de uma caracterização perfeita, que as torna inconfundiveis e lhes dá o cunho de verdadeiros retratos, e de um desenho seguro e firme.

É, portanto, justificadissimo o appello que o esclarecido autor do artigo, que me suggeriu estas linhas, nelle faz aos que entre nós superintendem na arte, e oxalá que, ou no Museu Nacional ou no Museu do

Patriarchado, a serie de S. Vicente encontre em breve a collocação a que, pelo seu alto valor documental e artistico, tem incontestavel direito.

Creia-me sempre amigo e collega etc., *José Pessanha.*

28-IX-905.

(*Diario de Noticias*, de 30 de Setembro de 1905.)

III

«Sr.—Li com todo o interesse a carta que o Ex.^{mo} Sr. D. José Pessanha dirigiu a V. , em 28 de Setembro ultimo, acêrca do projectado Museu do Patriarchado, ou, melhor, da Mitra Patriarchal, e que V. se dignou publicar no seu mui antigo, lido e conceituado jornal, *Diario de Noticias*, de 30 do mesmo mês.

Concordando plenamente com a necessidade da fundação do Museu da Mitra Patriarchal, e a dos museus de todas as mitras que possuem objectos importantes, não só porque se tornam conhecidos esses objectos e podem ser estudados e apreciados pelos artistas e amadores, mas tambem porque mais facilmente se evita que desapareçam por qualquer circumstancia imprevista, ou que sejam substituidos por outros, devo, em abono da verdade, dizer o seguinte, acêrca dos quatro grandes quadros notabilissimos a que se refere o mesmo Ex.^{mo} Sr. D. José Pessanha.

Quando, em Setembro de 1883, tive a honra de ser nomeado secretario do Em.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Cardeal Patriarca D. José III, dei-me ao trabalho de passar revista a todos os cantos do paço de S. Vicente; em muitos moveis, e até nos nichos das janelas, encontrei documentos, com os quaes, durante cinco annos consecutivos, organizei o archivo a que dei o nome de «Archivo da Secretaria Patriarchal», e colloquei-o numa sala proxima da Relação Patriarchal, no segundo andar, onde ainda existe.

Numa casa escura do primeiro andar, encontrei muitos quadros, cobertos de uma grande camada de poeira: mandei pendurá-los nas salas e corredores; entre elles, estavam os quatro quadros referidos.

Notando a sua excellencia, mandei collocá-los junto da janela, onde ainda estão, para receberem melhor luz.

Quando apparecia no paço de S. Vicente alguma pessoa entendida, ou amiga das artes, chamava a sua attenção para os quadros; nenhuma soube explicar o conteudo dos mesmos.

Num dia que ali appareceu o Sr. Visconde de Castilho, mostrei-lhe os quadros: apenas olhou, exclamou, muito entusiasmado: *Ali está o retrato do nosso grande infante D. Henrique!*—Não se enganou, ao que parece.

Não me lembrei de examinar o inventario da Mitra Patriarchal; pôde ser que figurem em tal inventario e que se possa conhecer a sua origem. Deve existir no paço de S. Vicente o inventario da Mitra Patriarchal; e na Administração do 1.º bairro deve existir uma copia do mesmo; quando o prelado toma posse do Patriarchado, comparece o administrador do 1.º bairro e verifica o inventario da Mitra.

Pôde tambem ser que viessem do paço patriarchal da Junqueira para o paço de S. Vicente, assim como vieram panos de Arras e outros quadros, ou que pertencessem a algum dos conventos extinctos.

Alem dos quatro quadros notabilissimos, ha outros dignos de menção, taes como: os dos Apostolos, de Zurbaran, o de Nossa Senhora, de Van Eyck, os de alguns arcebispos de Lisboa, a que se refere o erudito P.º Baptista de Castro no seu *Mappa de Portugal* e estão na Relação Patriarchal, e um de D. Nuno Alvares Pereira, que se encontra na sala contigua á dos patriarchas.

Não me consta que alguém tenha falado neste ultimo quadro; denota muita antiguidade.

Os quadros da sala dos patriarchas não tem merecimento artistico; não estavam collocados pela ordem chronologica; fui eu que mandei collocá-los como estão actualmente.

Concordando com a fundação do Museu da Mitra Patriarchal, sou de opinião que nenhum objecto deve sair do paço de S. Vicente.

Nos claustros d'este paço, ha salas onde, com commodidade e segurança, se pôde installar o Museu; o Sr. Cardeal Patriarcha não fica privado do que lhe pertence por usufruto, e os artistas, os amadores e o publico podem gozar sem grave incommodo, tanto mais que actualmente ha carros electricos que param em frente do paço de S. Vicente.

Peço a V. se digne dar publicidade a esta, no que julgo não haver inconveniente, e desde já me confesso agradecido.

Sou, com toda a consideração—De V. etc., *Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos*.

Lisboa, Real e Parochial Igreja de Santa Engracia, 2 de Outubro de 1905».

(*Diario de Noticias*, de 4 de Outubro de 1905).

IV

«Meu caro Dr. Alfredo da Cunha.—Muito folguei com a carta que Mgr. Alfredo Elviro dos Santos hoje publica no *Diario de Noticias*, a proposito d'aquella que V. me fez a honra de inserir em o numero de 30 do mês findo.

Traz-nos essa carta mais um elemento para a historia dos quatro notaveis quadros do sec. xv, que se encontram no paço de S. Vicente, e indicá-nos uma fonte — a que brevemente procurarei recorrer — para a averiguação da proveniencia e origem d'essas preciosissimas obras de arte: — o inventario da Mitra.

Tinha noticia de que Mgr. Elviro dos Santos, quando secretario do Sr. Cardeal Patriarcha, organizara, com o mais louvavel empenho, o Archivo da Secretaria Patriarchal, e conheço, ha muito, o interesse que a S. Ex.^a merecem os assuntos historicos e archeologicos. Não sabia, porém, que fôra iniciativa sua a distribuição, pelas salas e corredores do paço patriarchal, dos quadros que desde muitos annos ali se accumulavam, cobertos de pó, numa casa escura, ignorando, portanto, que a historia da arte em Portugal devesse a S. Ex.^a o conhecimento da preciosa *serie de S. Vicente*. Ignorava tambem que o meu querido e erudito amigo Visconde de Castilho a houvesse examinado. Por isso escrevi (embora, mui de proposito, o não affirmasse categoricamente) que, até Julho de 1895, haviam esses quadros passado despercebidos.

Diz Mgr. Elviro dos Santos que, tendo notado a sua importancia, os mandou collocar junto de uma janela, para receberem melhor luz. Quer-me parecer que, ali, se encontram perigosamente expostos á acção do sol, convindo por isso transferi-los para logar mais adequado, como alvitrei na minha carta de 28.

Applaudo o illustrado sacerdote o pensamento da fundação do Museu da Mitra Patriarchal, e entende que nenhum objecto de arte deve sair do paço de S. Vicente.

Já declarei que não sou partidario de uma centralização completa, absoluta; e acrescentarei agora que penso, ha muito, que, entre as providencias com que é necessario e urgente *defender* (é o termo) o que ainda resta do nosso incomparavel patrimonio artistico, deve figurar a criação dos museus das differentes mitras. Nada mais perigoso, sob todos os pontos de vista, do que as *arrecadações*, como aquella em que Mgr. Elviro dos Santos foi encontrar os quadros de S. Vicente.

Importa muito que todos os objectos de arte, de mitras, cabidos, juntas de parochia, irmandades, misericordias, etc., sejam estudados, inventariados, expostos, e confiados a pessoas que por elles possam e devam responder. A exposição d'esses documentos, alem de ser condição indispensavel para o desenvolvimento dos nossos estudos de archeologia artistica, representaria, para os artistas, um meio poderoso e insubstituivel de educação technica, e entravaria efficazmente, como é obvio, o successivo empobrecimento artistico do país.

Oxalá que essa e outras medidas sejam tomadas sem demora, e não depois de completamente roubada a casa...

Muito obrigado lhe ficará pela publicação d'estas linhas o seu am.^o e coll.^a muito ded.^o e obg.^{mo}, José Pessanha.

4-X-1905».

(*Diario de Noticias*, de 5 de Outubro de 1905).

V

«Sr.—Agradecendo, muito penhorado, a publicação da minha de 2 do corrente, relativa ao Museu Patriarchal, volto a additar o seguinte:

Póde ser que os quatro quadros notabilissimos pertencessem ao extinto convento de S. Vicente de Fóra, o qual, tendo sido fundado pelo nosso primeiro rei, foi restaurado pelos reis intrusos, a fim de se tornarem agradaveis aos portuguezes.

Nos patins do primeiro e segundo andar da escada principal do paço de S. Vicente, encontram-se, se bem me recordo, pelo menos dois quadros de dimensões iguaes, ou quasi iguaes, ás dos quatro referidos; a pintura é tambem em madeira; mas o seu merecimento é muito inferior ao d'aquelles.

Parece não haver duvida que pertenceram ao extinto convento, principalmente porque se referem ao martyr S. Vicente; será bom que os entendidos e amadores estudem esses quadros, que contém inscripções em latim.

Poucos objectos restam do extinto convento, alem dos que estão na igreja.

Num dos corredores, escuros e humidos, do paço de S. Vicente, encontrei um grande numero de livros de cantoção, rituaes, processionaes, etc.

Alguns livros de cantoção eram de pergaminho, com excellentes illuminuras; a maior parte dos rituaes, processionaes, etc. estavam ruidos pela traça; não sei se ali se conservam, ou foram removidos para outro logar; limitei-me a apartar os bons dos maus.

É provavel que já não se conservem no mesmo logar, porque o referido corredor, segundo me informam, foi applicado para o Pequeno Seminario Patriarchal, que acabou em 30 de Setembro ultimo.

Depois da extincção do convento, muitos objectos do culto, que passaram para a Irmandade do Santissimo Sacramento da freguesia de S. Vicente, que é administradora da fabrica da igreja, foram vendidos em leilão, como inuteis (!); ainda ha poucos annos foram vendidos os castiças de bronze do throno, que era enorme, e se armava

no altar do cruzeiro, do lado da epistola, assim como se arma o throno da Sé Patriarchal.

Aproveitando a occasião, embora me afaste do assunto principal, direi mais alguma cousa acêrca do paço de S. Vicente.

Ninguém me poderá alcunhar de denunciante, porquanto não trato de objectos particulares, mas de objectos que são da Igreja e do Estado, e que por isso todos os fieis e cidadãos são interessados nos mesmos; pôde ser que num futuro mais ou menos proximo as minhas indicações sejam proveitosas.

O quadro do Summo Pontifice Pio IX, que se encontra na sala da Relação Patriarchal, debaixo de um docel, foi offerecido pelo mesmó Summo Pontifice ao Tribunal da Secção Pontificia de Lisboa; consta do livro das actas das sessões do mesmo Tribunal; não tem merecimento artistico, tem o merecimento do illustre offertante.

Quando procedi á organização do Archivo da Secretaria Patriarchal, encontrei alguns documentos e livros pertencentes ás dioceses de Coimbra, Evora, etc.; taes documentos e livros foram, sem duvida, trazidos para Lisboa pelos prelados que foram transferidos d'essas dioceses para o Patriarchado.

Encontrei a provisão original da fundação da Biblioteca de Evora. Com autorização do Sr. Cardeal Patriarcha, mandei os documentos e livros para as suas dioceses, e a provisão para a Biblioteca de Evora.

Entre outros documentos dignos de menção, encontrei o processo de beatificação e canonização de S. Gonçalo de Lagos, cujas reliquias se encontram na igreja da Graça em Torres Vedras; o breve de Pio VI, se bem me recordo, em virtude do qual o Sr. Cardeal Patriarcha, como capellão-mór, pôde conceder jurisdicção a todos os capellães militares para exercerem as suas ordens em qualquer diocese do reino, ilhas adjacentes e ultramar; o breve de Bento XIV, que concede aos presbyteros portuguezes a faculdade de celebrarem tres missas no dia 2 de Novembro de cada anno.

Só os presbyteros portuguezes e espanhoes gozam de tal faculdade: os presbyteros de outros paises, apesar das instancias feitas pelos seus prelados, ainda a não conseguiram.

Encontrei a resposta dos parochos do Patriarchado a uma circular, que o Prelado, em 1811, expediu, a perguntar o estado em que tinham ficado as suas freguesias depois das invasões dos franceses, e uma collecção de descrições de batalhas da guerra peninsular, assinadas pelos proprios generaes que dirigiam as batalhas!

Coincidiu este encontro com a epoca em que o fallecido e erudito General Claudio de Chaby andava escrevendo a historia da guerra pe-

ninsular; estava inquieto por não ter elementos para descrever a historia de uma batalha, quando, chamado por mim, os foi encontrar no paço de S. Vicente!

Com autorização do Sr. Cardeal Patriarcha, entreguei ao referido General as respostas dos parochos e descrições das batalhas; agora, que é fallecido, bom será que os seus herdeiros entreguem ao Sr. Cardeal Patriarcha umas e outras, para servirem a quem continuar a escrever a historia; é provavel que ignorem o que eu affirmo.

Como foram parar ao paço de S. Vicente as descrições originaes das batalhas?

Não será facil descobrir o motivo.

Quão procedi á arrumação e ampliação da livraria da Mitra Patriarchal, hoje collocada, por causa do extincto Pequeno Seminario Patriarchal, numa sala humida, encostada ás paredes da igreja, encontrei muitas musicas religiosas, manuscritas e encadernadas; seria bom que os entendidos e amadores as examinassem; talvez sejam do tempo da antiga Patriarchal.

Desculpe V. a extensão d'esta. Pela publicação da mesma, desde já me confesso—De V. etc., *Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos*. Lisboa, Real e Parochial Igreja de Santa Engracia, 5 de Outubro de 1905».

(*Diario de Noticias*, de 6 de Outubro de 1905).

VI

«Sr.—Estou muito grato a V. pela publicação das minhas duas cartas, e ao Ex.^{mo} Sr. D. José Pessanha pelas referencias feitas á minha pessoa, na sua delicada carta de 4 do corrente.

Não desejo abusar da bondade de V. ; entretanto, como se trata de um assunto interessante, e como dos alvitres apresentados pôde derivar a resultante desejada, isto é, o conhecimento da origem dos quatro quadros notabilissimos que se encontram no paço de S. Vicente, no logar em que os mandei collocar, por não haver outro melhor, venho ainda hoje lembrar o seguinte:

Direi, porém, antes, de passagem, que o convento de S. Vicente de Fóra, hoje adaptado a paço patriarchal, não estava concluido, do mesmo modo que o convento do Coração de Jesus, vulgo «Estrella», d'esta capital.

A parte construida era metade do edificio, a qual, apesar de ser miu vasta, tem poucos commodos e poucas salas; de duas e tres cellas fizeram uma sala; ha apenas as salas da Relação Patriarchal, do throno,

amarella, onde o fallecido Patriarcha D. Guilherme reunia á noite o clero, nobreza e povo em doce convívio, dos patriarchas, da capella; e de jantar e uma outra contigua a esta.

O paço de S. Vicente é lugubre, como lugubre foi o dominio dos reis intrusos e como lugubre é o som dos sinos da igreja; e, apesar de ter vivido ali perto de dez annos, ainda, quando ali vou, o coração sente uma impressão lugubre.

Se o Sr. D. José Pesanha não encontrar descritos os quadros no inventario da Mitra Patriarchal, não deve desanimar; deve proceder a buscas no archivo da Mitra Patriarchal.

Este não é muito grande; consta de escrituras de propriedades rusticas e urbanas, foros, contas de concertos de varias propriedades e objectos, etc.; póde ser que ali encontre algum documento ou noticia aproveitavel.

Não consegui organizar tal archivo; mas, quando organizei o da Secretaria Patriarchal, encontrei muitos documentos que pertenciam ao mesmo, e lá os fui pôr no seu logar.

Se nada encontrar, não deve ainda desanimar; deve recorrer ao maço — «Conventos» — que se encontra no Archivo da Secretaria Patriarchal, ou ir ao Ministerio da Fazenda examinar os inventarios dos conventos de religiosas extinctos no Patriarchado até o anno de 1883; não são muitos, porque a maior parte dos conventos foram extinctos depois da minha ida para o paço de S. Vicente, em 1883.

Não me consta que no Ministerio da Fazenda se encontrem inventarios dos conventos de religiosos extinctos; entretanto, será bom investigar.

Aproveitando a occasião, direi mais alguma cousa acêrca do paço de S. Vicente.

É digna de menção a pintura do tecto da sala onde está actualmente a capella particular do Sr. Cardeal Patriarcha; parece-me que o pintor era italiano; não me recordo do nome, mas está escrito no mesmo tecto, se bem me recordo, a um canto da sala, junto de uma janela, que dá para um quintal que serviu de cemiterio e tem portão grande, encimado por uma cruz, para o Largo de S. Vicente.

A pintura foi mandada cair pelos religiosos, conegos regrantes de Santo Agostinho, antigos moradores do paço de S. Vicente, por occasião da invasão franceza, a fim de escapar, como escapou, ao genio da destruição!

Os balaustres, ou pilares, de pedra de Italia, com mosaicos, e a teia de ebano, que se encontram na mesma capella, pertenceram á demolida igreja do convento denominado das «Grillas», ao Beato, que era da Or-

dem de Santo Agostinho, e foi fundado pela Rainha D. Luisa de Gusmão, mulher de El-Rei D. João IV, tronco da actual dynastia.

Os terrenos da igreja e da maior parte do convento estão hoje occupados pelo edificio da Manutenção Militar.

A Rainha fundadora estava depositada atrás do altar-mor; hoje encontra-se no Pantheon Real.

A maior parte dos pertences da referida igreja foram, por influencia do fallecido Marquês de Rio Maior, levados para a villa de Alhandra, a fim de serem empregados na reconstrucção da igreja parochial d'aquella villa, que ha annos foi destruida por um violento incendio.

Alem dos archivos da Secretaria e da Mitra Patriarchal, ha ainda no paço de S. Vicente os seguintes archivos:—«Archivo dos Tribunaes da Relação Patriarchal e Secção Pontificia de Lisboa; Archivo dos Residuos; Archivo da Camara Patriarchal; Archivo do Juizo Apostolico, e Archivo do Registo Parochial».

Os tres primeiros encontram-se no segundo andar e os tres segundos no primeiro andar.

Todos elles são importantes: contém elementos valiosos para a historia ecclesiastica e civil do país.

Nos archivos da Relação Patriarchal e Secção Pontificia de Lisboa, encontram-se processos muito variados e dignos de estudo.

Tentei pô-los pela ordem chronologica e fazer um indice, mas tive de desistir porque, como a maior parte do trabalho tinha de ser feito de noite, porque o expediente da Secretaria Patriarchal pouco tempo deixava disponivel durante o dia, comecei a sentir-me mal da vista; cheguei a ter contracções nervosas na vista, como tinha o fallecido Beneficiado e primeiro Mestre de cerimoniaes da Sé Patriarchal, D. Polycarpo Felix Ribeiro da Costa.

O Archivo dos Residuos pertenceu ao extinto juizo ecclesiastico que tomava conta do cumprimento dos legados pios, como hoje toma o juizo denominado das «capellas», com séde no edificio do Real Hospital S. José; o cargo de juiz compete ao administrador do primeiro bairro d'esta capital.

Parece-me que o Juizo dos Residuos deixou de funcionar em 1834; entretanto, ainda de longe em longe é necessário proceder a buscas em tal archivo.

O Archivo da Camara Ecclesiastica encontra-se em muito boa ordem, devido ao zeloso trabalho do fallecido secretario da Camara Patriarchal, Monsenhor Conego Daniel Ferreira de Matos, tio do distincto lente da faculdade de medicina da Universidade de Coimbra, Dr. Daniel de Matos, e do distincto advogado d'esta comarca de

Lisboa, Dr. Alfredo Ferreira de Matos, e ainda ao ex-secretario da mesma Camara, Monsenhor Carlos Alberto Martins do Rego, actual Conego da Sé Patriarchal.

Nesse archivo se encontram os processos de ordenação, provimento de thesourarias, igrejas parochiaes e canonicatos, processos do juizo ecclesiastico dos matrimonios, etc., etc.

No Archivo do Juizo Apostolico, encontram-se todos os processos relativos a dispensas matrimoniaes e á execução de todos os restantes breves emanados da Santa Sé Apostolica.

O Archivo do Registo Parochial encontra-se muito bem installado e em boa ordem, devido ao zeloso trabalho do referido Monsenhor Conego Carlos Alberto Martins do Rego.

Nesse archivo se encontram os livros duplicados e documentos do registo parochial de todas as freguesias do Patriarchado, desde o anno de 1862.

Quando procedi á organização do Archivo da Secretaria Patriarchal, encontrei uma grande porção de documentos e processos relativos ao Padroado Real, isto é, ao provimento das igrejas parochiaes pelo Real Padroeiro, anteriores ao anno de 1834; entendi que estavam melhor no Archivo da Camara Patriarchal, e para lá os mandei em devido tempo.

Encontrei tambem muitos documentos, livros, que pertenceram ao extinto juizo ecclesiastico denominado da «Collecta», juizo que foi estabelecido depois do terremoto de 1755, para, por meio de collectas, se angariarem meios para restaurar as igrejas de Lisboa, como de facto se restauraram.

Funcionou com muita regularidade e a sua escripturação era aprimorada.

Nos documentos e livros, encontram os artistas e amadores muitos esclarecimentos preciosos acêrca dos architectos, esculptores, pintores, etc., que tomaram parte nos trabalhos, e o custo d'estes.

O meu Ex.^{mo} amigo Sr. Gomes de Brito, distincto archeologo, já tem bebido em tal fonte.

Não tinha espaço disponivel no Archivo da Secretaria Patriarchal, e por isso mandei os referidos documentos e livros para o Archivo da Camara Patriarchal.

Desculpe V. ser tão maçador. Pela publicação d'esta, desde já me confesso—De V. etc., *Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos*.

Lisboa, Real e Parochial Igreja de Santa Engracia, 10 de Outubro de 1905».

(*Diario de Noticias*, de 11 de Outubro de 1905).

VII

Deve ser applaudida por todos os que tomam a peito a defesa dos nossos monumentos e preciosidades archeologicas a ideia da fundação de um Museu do Patriarchado.

Oxalá que a mesma ideia se propague a outros bispados onde ainda não ha museus semelhantes! Só assim se evitaria que andassem pelas lojas dos adeleiros e pelas mãos dos colleccionadores particulares objectos que de direito pertencem á nação, considerada corpo colectivo. Se ha muitos parochos e juntas de parochia zelosos dos seus deveres, ha outros que deixam, sem escrupulo, sair da sua guarda as alfaias religiosas, as imagens, etc., que lhes estão confiadas. Já uma vez vi um çapateiro, que ao mesmo tempo era sacristão, empregar no seu mister industrial tiras de pergaminho arrancadas de um antigo livro de côro; tenho visto em algumas sacristias cruces do sec. xv ou xvi tidas por objectos despreziveis; sei de uma igreja, onde a troco de uns miseros vintens dados ao guarda, quem quer arranca magnificos azulejos do estylo chamado hispano-arabico. E outros factos eu podia aqui citar. Não indico os logares, porque não é meu intuito offender ninguém. Mas urge pôr cobro quanto antes a estes e analogos desvarios.

Os Srs. Bispos estão realmente no caso (e alguns já, pôr honra sua, isso tem feito) de prestarem, a este respeito, grandes serviços á patria, fundando junto dos seus paços, das suas cathedraes ou dos seus seminarios, museus de arte e archeologia christãs em que se guardem as preciosidades que, sem prejuizo do culto, puderem ser retiradas das igrejas e de outros edificios de character ecclesiastico, por exemplo, paramentos, imagens, quadros, cruces, turibulos, calices, pergaminhos, missaes, rituaes (ha ás vezes missaes e rituaes muito raros), veus, tocheiros... Seria um nunca acabar se se fosse a mencionar tudo o que, com um pouco de attenção e de amor, é susceptivel de se tornar, em um instante, elemento de museu.

J. L. DE V.

Dolmens no concelho de Murça

(Continuação. Vid. *O Arch. Port.*, ix, 166)

Na povoação do Sobredo, freguesia de Noura, em uma plantação de bacellos do proprietario José Caetano Gomes Teixeira, quando abriam uma vallada, encontraram os trabalhadores quatro instrumentos de